

Por Uma Epistemologia da Imagem Técnica

For an Epistemology of Technical Image

Solange Jobim e Souza¹

Resumo

Este texto tem por objetivo discutir os usos da imagem técnica e suas implicações epistemológicas para a pesquisa acadêmica. As estratégias metodológicas de tal abordagem focalizam o uso que o próprio pesquisador faz das imagens quando ele utiliza a vídeogravação como instrumento de mediação com o campo da pesquisa. Isto implica colocar em foco a interação do pesquisador com os aparatos tecnológicos e com os sujeitos da pesquisa. Nossa intenção é oferecer subsídios para a definição do ato de pesquisar a partir da construção de uma ética e de uma estética do olhar que considera os usos atuais das tecnologias audiovisuais e digitais.

Palavras chave: Imagem técnica; pesquisa; ciências humanas; princípios epistemológicos.

Abstract

This article intends to discuss the uses of technical image and its epistemological implications for the academic research. The methodological strategy of this approach focuses on the use the researcher himself makes of the images when using the video, as an instrument for mediation inside the field research. This implies taking into account the interaction of the researcher with the technological artifacts and the subjects. Our intention is to offer a definition to the act of researching according to an ethics and an esthetics of vision which considers the uses of new audio, visual and digital technologies.

Keywords: Technical image; research; human sciences; epistemology.

¹ Professora Associada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Endereço para correspondência: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22.543-900. Endereço eletrônico: soljobim@uol.com.br

A linguagem da realidade, enquanto ela foi natural, se encontrava fora da nossa consciência: presentemente que ela nos aparece "escrita", através do cinema, ela não pode deixar de exigir uma consciência.

Pier Paolo Pasolini (1983).

As contribuições para este debate dizem respeito aos processos de criação de narrativas, que utilizam as imagens técnicas como mediações discursivas, no âmbito da pesquisa e da produção do conhecimento em ciências humanas.

Observando as condições da experiência cotidiana, constata-se que tanto a forma como o conteúdo das produções culturais estão em processo acelerado de transformação. Na medida em que os usos das tecnologias possibilitam a criação de novas possibilidades de narrarmos nossas experiências, o próprio conceito de narrativa passa a ser uma questão para nossa época. Somos, portanto, convocados a refletir sobre os modos como participamos da criação da cultura, obedecendo aos imperativos da técnica, apesar de nem sempre termos plena consciência do quanto essas mediações tecnológicas nos forcem a existir de uma determinada maneira.

No que diz respeito ao pesquisador das ciências humanas, este tema é de crucial importância, pois também ele é compelido a refletir criticamente sobre seus métodos, uma vez que não pode negligenciar a presença dos aparatos técnicos na vida prática.

Este fato, portanto, exige a formulação de novos conceitos para uma compreensão das relações que estão sendo produzidas entre o homem e suas linguagens, modificando o modo como suas experiências passam a ser narradas. Neste contexto, o que se observa é um conjunto de possibilidades de criação oferecidas pelas novas formas de instrumentalização da vida prática, que fazem existir um determinado modo de produção da cultura em sintonia com a época atual.

Em vista disto, a discussão de estratégias metodológicas de pesquisa em ciências humanas deve compreender o uso das imagens técnicas não só como instrumentos que permitem novas visibilidades, mas que especialmente interferem em nossos modos de existir no mundo. As máquinas de visão são assim incorporadas à experiência do homem contemporâneo como extensões do seu próprio corpo, desencadeando comportamentos que questionam as polarizações entre natureza e cultura, sujeito e objeto, tecnologia e sociedade. A *desnaturalização* e a *desneutralização* de nossos métodos de pesquisa precisam ocupar um lugar de destaque neste cenário. Os modos de produção de conhecimento não podem estar apartados das

práticas sociais e culturais cotidianas. Assim, como cada época constrói suas questões e as formas de respondê-las, entendemos que é preciso formular novas indagações sobre os usos da imagem técnica na pesquisa. Portanto, nosso enfoque é discutir o uso da imagem técnica na pesquisa em ciências humanas como forma de compreender uma época que se constitui em torno das tecnologias audiovisuais e digitais.

Mas o que é a "imagem técnica"? Que definição de "imagem técnica" deve orientar nossas indagações? Para Vilém Flusser (1998), compreender uma imagem técnica é poder percorrer, no sentido inverso, o caminho do seu processo de criação. Uma imagem técnica esconde conceitos e sentidos que lhe deram origem; portanto, decifrá-la é procurar reconstituir o texto ou os textos que tal imagem contém. Estes textos são o modo como inventamos o mundo como abstração conceitual, ou seja, o mundo revelado a nós através de conceitos. Portanto, o que vemos "*ao contemplar uma imagem técnica não é o 'mundo', mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem*" (Flusser, 1998, p. 35). Flusser situa a importância de não naturalizarmos as imagens técnicas, lembrando-nos de que são produtos culturais, estando, portanto, a serviço de maneiras de ver, sentir e interpretar a realidade, mediando modos como experimentamos o mundo. O perigo de naturalizarmos as imagens técnicas está em não estabelecermos com elas uma relação de significação, passando a compreendê-las como prontas ou acabadas, sem percebermos que contemplam uma série de signos que necessitam ser revelados.

Nesta perspectiva de análise, podemos dizer que o homem contemporâneo experimenta a materialidade do mundo em que habita mediado por aparatos que podemos denominar "*próteses do olhar*". Nosso olhar para o mundo é construído a partir de conceitos que orientam a nossa experiência com as imagens a partir de determinadas significações presentes no cotidiano das práticas sociais. Nosso olhar é inevitavelmente marcado por dimensões axiológicas que circulam em nosso contexto.

Levando em conta tais considerações, nosso foco é desenvolver uma base conceitual para tratarmos dos usos da imagem técnica na pesquisa acadêmica, tendo como marco fundamental as implicações éticas que devem estar presentes na produção das estratégias metodológicas de pesquisa. Em suma, como caracterizar e compreender os efeitos das "*próteses do olhar*" que estão intermediando a relação dos homens com

a vida prática e a relação do pesquisador com o seu objeto de pesquisa.

A questão central para o nosso debate poderia ser colocada a partir da seguinte pergunta: *quais as implicações dos usos das máquinas de visão em pesquisa acadêmica, uma vez que reconhecemos que elas operam e desencadeiam novas maneiras de tomarmos consciência do mundo físico e social, e mais do que isto, acabam por transformar nossas relações físicas com a realidade em relações culturais?*

Para responder tal questão devemos começar por colocar em destaque dois aspectos que consideramos fundamentais para se pensar criticamente o uso da imagem técnica na pesquisa em ciências humanas: o primeiro aspecto diz respeito ao fato de que a experiência com as imagens técnicas está sendo incorporada como hábito, ou seja, o efeito da cultura da imagem se revela no comportamento das pessoas e é assumido de modo natural, sem muitas indagações ou questionamentos; o segundo aspecto é como criar estratégias que permitam o estranhamento desta postura, ou melhor, *desnaturalizar* tal postura e intervir neste processo de modo consciente, construindo conceitos e estratégias metodológicas que apontem para uma atitude crítica sobre o modo como a cultura da imagem penetra e transforma nossa experiência subjetiva.

Em síntese, temos a própria experiência com a imagem técnica disseminada entre as pessoas como resultado da cultura de uma época; entretanto, nos falta buscar uma compreensão destas transformações, construindo conceitos que nos permitam uma tomada de consciência de como os novos hábitos se infiltram na vida das pessoas. Este último aspecto se refere ao espaço que deve ser preenchido pelo trabalho da pesquisa em ciências humanas que, através do uso da imagem técnica, pode abrir fronteiras para explorar com mais profundidade a cultura da imagem e as novas experiências subjetivas.

Os modos de produção de conhecimento não podem permanecer indiferentes às práticas sociais e culturais cotidianas. De fato, o que se observa é que estas práticas começam a exigir a criação de estratégias de investigação condizentes com a experiência do sujeito contemporâneo de ver e de ser visto através da mediação de instrumentos técnicos. *Trata-se de criarmos, através da pesquisa em ciências humanas, modos de confronto com as máquinas de visão, colocando tanto o pesquisador como os sujeitos da pesquisa na posição de se sentirem responsáveis por inventar novas estratégias metodológicas na relação com o ato de pesquisar.*

A pesquisa, neste contexto, assume a forma de *intervenção nas práticas sociais*, envolvendo os modos de ser e os “fazeres” inscritos no cotidiano. As estratégias metodológicas de tal abordagem investigativa focalizam o uso que o próprio pesquisador faz das imagens, quando ele utiliza a vídeogravação como instrumento de mediação com o campo da pesquisa. Isto implica colocar em foco necessariamente, a interação do pesquisador com os aparatos tecnológicos e os sujeitos da pesquisa. A intenção metacognitiva, explicitada desde o início pelo pesquisador, revela o propósito de se criar situações objetivas em que os sujeitos tenham a oportunidade de exercer uma tomada de consciência sobre o seu olhar e sobre os seus modos de representar a experiência de estar no mundo, a partir do que lhe é oferecido pelos artefatos culturais de sua época.

Constatamos que, nos dias de hoje, o olhar se expande e se beneficia com o uso da técnica, pois não somos mais apenas olhados pelo outro, mas por objetos que se comunicam conosco de modo peculiar, exigindo novas maneiras de interlocução e de revelação. As máquinas de visão criadas a partir do século XIX (fotografia, cinema, vídeo, Internet...) interferem nos modos como tomamos consciência do mundo e de nós mesmos. Por este motivo, o lugar que devem ocupar na pesquisa diz respeito ao modo como passamos a problematizar e compreender *a presença da câmara como um terceiro interlocutor* que, necessariamente, ocupa uma relação ambivalente no campo, favorecendo ou dificultando uma infinidade de comportamentos, atitudes e expectativas. Contudo, quando o pesquisador decide incorporar a imagem técnica como parte de sua estratégia metodológica, é fundamental a delimitação das etapas, definindo objetivos e metas específicas a serem alcançadas, pois os usos da imagem técnica em pesquisa acadêmica podem tomar infinitos contornos e possibilidades.

Em síntese, ao optar pela realização da pesquisa utilizando a imagem técnica (vídeogravação), destacamos, em princípio, as seguintes etapas:

a) O primeiro momento é o da filmagem do encontro do pesquisador e seu outro, no contexto da pesquisa de campo. Este é o momento em que se desenvolve a pesquisa propriamente dita sobre determinado tema, envolvendo a equipe de pesquisadores, sujeitos e o aparato técnico – a câmara de vídeo;

b) O segundo momento diz respeito à criação de um roteiro para a edição das imagens que foram gravadas durante a pesquisa de campo. Com base neste roteiro, faz-se a edição das imagens, gerando

um vídeo-documentário preliminar. A escolha deste material obedece a critérios definidos a priori pelo pesquisador e sua equipe;

c) O terceiro momento diz respeito ao retorno ao campo para a apresentação do videodocumentário aos sujeitos que participaram da pesquisa, compartilhando com eles os resultados preliminares e instaurando um tipo de interlocução que gera novos significados para as imagens gravadas.

d) O quarto momento diz respeito ao compromisso do pesquisador com a divulgação dos resultados da pesquisa para o público mais amplo, a partir de um produto audiovisual que foi elaborado com base em consentimentos mútuos e acordos compartilhados.

Esta abordagem metodológica apresenta uma peculiaridade que deve ser destacada: *a dimensão processual do encontro entre o pesquisador e seus interlocutores*. Trata-se, portanto, de uma produção de conhecimento que acontece em duas direções complementares. Por um lado o conhecimento que os sujeitos da pesquisa constroem sobre si mesmos e as particularidades que se revelam de modo singular neste contexto específico. Por outro lado, o conhecimento que o próprio pesquisador constrói sobre a intervenção proposta por ele no campo, analisando as consequências da intervenção desencadeada pelo aparato técnico na dinâmica de funcionamento do grupo.

Neste contexto, vale destacar os seguintes deslocamentos e posicionamentos espaciais entre o pesquisador, o seu outro e a câmara:

- O lugar ocupado pelo pesquisador, na presença da câmara, através de suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o grupo;
- O lugar ocupado por cada membro do grupo, na presença da câmara, com suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o pesquisador e os outros membros do grupo;
- O lugar ocupado pela câmara, interferindo na dinâmica de funcionamento do grupo como um objeto que desencadeia expectativas, performances, sentimentos, atitudes e comportamentos.

O uso da vídeo-gravação na pesquisa de campo se apresenta como um tipo de mediação que instaura um modo específico de discursividade entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Esta dimensão processual do registro de imagens, neste contexto, problematiza a pretensão do encontro com uma verdade em si, alheia à presença do pesquisador no campo. A intenção desta abordagem é, ao contrário, se beneficiar da vídeo-gravação para evidenciar o meio pelo qual o pesquisador e seus outros negociam a produção de sentidos

compartilhados, ou seja, sentidos sempre provisórios e isentos de neutralidade.

Ciente de que a criação de estratégias de pesquisa-intervenção em ciências humanas com o uso da vídeo-gravação é um vasto campo de indagações, destacamos a seguir, alguns princípios epistemológicos que podem oferecer subsídios para orientar as formulações metodológicas para esta área.

a) Descrever densamente e caracterizar de forma detalhada a especificidade dos diálogos e das relações de reciprocidade que se estabelecem entre o pesquisador e seus outros, no contexto de uma pesquisa vídeo-gravação;

b) Caracterizar o lugar do pesquisador, dos sujeitos da pesquisa e da mediação técnica – a câmara - enquanto atores que participam ativamente da produção de sentidos em um determinado contexto de produção de conhecimento;

c) Problematizar a criação de “*personagens*” em pesquisa acadêmica, ou seja, os sujeitos da pesquisa frente à câmara demonstram com frequência ter consciência de que são simultaneamente atores e espectadores de si mesmo. Assim sendo, os sujeitos mostram, em gestos e palavras, o modo como imaginam a si mesmos naquele contexto, frente à câmara;

d) Discutir as implicações para a pesquisa acadêmica da “*encenação de si*”, considerando a positividade de se incorporar, no modo de se fazer pesquisa, a capacidade dos sujeitos se inventarem frente às câmaras;

e) Problematizar a especificidade da presença da câmara na cena da pesquisa de campo, mediando o encontro do pesquisador e seus outros, como um momento de *imprevisibilidade promissora*, e analisar os discursos gerados a partir da especificidade deste contexto;

f) Garantir, na edição das imagens, a partir dos depoimentos singulares dos sujeitos envolvidos, a diversidade de leituras para um mesmo problema, pois não há um real em si a ser perseguido, mas uma diversidade de sentidos produzidos no encontro entre o pesquisador e seus outros;

g) Considerar, na edição das imagens, a dimensão polifônica dos discursos, ou seja, apontar para a impossibilidade de produção de conhecimento centrado na consciência individual de um único sujeito;

h) Considerar e descrever minuciosamente a interferência da escolha dos enquadramentos técnicos da imagem no momento da gravação (posicionamento da câmara no espaço da filmagem; uso de microfones; uso de uma ou duas câmaras no momento da gravação; etc.). Isto, porque o posicionamento da câmara e o uso de dispositivos técnicos específicos, no contexto da pesquisa de

campo, devem ser cuidadosamente definidos a priori, além de observadas suas conseqüências, pois há que se considerar que o objeto “câmara” participa formalmente da produção de sentidos;

i) Distinguir a especificidade do material bruto gerado através da gravação em vídeo no contexto da pesquisa de campo, do material posteriormente editado, quando o pesquisador se retira do campo e seleciona as imagens que irão compor uma determinada narrativa sobre o tema em pauta, explicitando o motivo das opções por determinadas imagens em detrimento de outras;

j) Explicitar o compromisso ético do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, uma vez que se reconhece no dispositivo da vídeogravação a possibilidade infinita de usos da imagem dos sujeitos envolvidos, para além dos interesses e do contexto específico da pesquisa;

k) Discutir com os sujeitos da pesquisa as implicações éticas e estéticas que estão inevitavelmente presentes, tanto no momento da pesquisa de campo, como no momento da edição das imagens, para posterior divulgação dos resultados.

l) Finalmente, acrescentaria discutir e analisar os usos da narrativa produzida em forma de documentário, suas intencionalidades e suas repercussões. Qual o destino do documentário? Como e onde distribuí-lo e exibi-lo? Com quais intenções?

Estes são alguns dos princípios epistemológicos que servem como referenciais preliminares para a construção de estratégias metodológicas com o uso da imagem técnica em pesquisa. Nossa intenção é oferecer subsídios para a definição do ato de pesquisar a partir da construção de uma *ética e de uma estética do olhar*.

Referências

- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Flusser, V. (1998). *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Jobim e Souza, S. (2007). Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: M. T. Freitas; S. Jobim e Souza & S. Kramer. *Ciências Humanas e Pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora.

Pasolini, P. P. (1983). *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot*. São Paulo: Brasiliense.

Recebido: 06/06/2011

Revisado: 12/09/2011

Aprovado: 26/09/2011